

MEMÓRIA DE LONGA DURAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A CONSOLIDAÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE IMIGRANTES NORTE-AMERICANOS NO CONTEXTO DE 1859 A 1870 NAS CIDADES DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Isabel Orestes Silveira¹

Resumo

Alguns personagens norte-americanos contribuíram para que, nas cidades do Rio de Janeiro de 1859 e de São Paulo de 1870, houvesse mudanças sociais e educacionais significativas. Interessa neste artigo apontar para as relações entre alguns missionários presbiterianos que vieram para o Brasil como Ashbel Green Simonton (1833-1867) e George W. Chamberlain (1839-1902), além de importantes educadoras: Mary A. Annesley Chamberlain, Mary Parker Dascomb, Phebe R. Thomas e Marcia P. Brown. A "memória de longa duração", que se refere à ênfase dada pelos *Annales* aos processos históricos ou aos longos períodos que superam a história dos acontecimentos, evocam a problematização que se aventa: como tem sido a aquisição, a consolidação e a evocação da memória de tais protagonistas ao longo do tempo? A metodologia de base bibliográfica parte de fontes históricas como Garcez (1969), Motta (1970), Matos (2004), Braudel (1950), dentre outros. Espera-se que a história seja revisitada, a memória evocada e as relações entre sujeitos evidenciem os fatos passados e apontem para os ganhos do presente além de destacar a permanência do legado deixado por tais agentes.

Palavras-chave: Imigração. História. Memória. Patrimônio.

Abstract

Some North American characters contributed to significant social and educational changes in the cities of Rio de Janeiro in 1859 and São Paulo in 1870. This article is interested in pointing out the relationships between some Presbyterian missionaries who came to Brazil, such as Ashbel Green Simonton (1833-1867) and George W. Chamberlain (1839-1902), as well as important educators: Mary A. Annesley Chamberlain, Mary Parker Dascomb, Phebe R. Thomas, and Marcia P. Brown. The "long-term memory", which refers to the emphasis given by *the Annales* to historical processes or long periods, which surpass the history of events, evokes the problematization that arises: how has the acquisition, consolidation and evocation of the memory of such protagonists been over time? The bibliographic methodology is based on historical sources such as Garcez (1969), Motta (1970), Matos (2004), Braudel (1950), among others. It is hoped that history will be revisited, memory evoked and the relationships between subjects will highlight past facts and point to the gains of the present, in addition to highlighting the permanence of the legacy left by such agents.

Keywords: Immigration. History. Memory. Patrimony.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM. E-mail: isasilveira@mackenzie.br

Introdução

No início do século XIX houve, no Brasil, um significativo movimento imigratório de norte-americanos, principalmente na região sul do país a exemplo do estado do Rio Grande do Sul. Foram várias as razões pelas quais o fenômeno foi motivado, dentre as quais se destacam a econômica, ou seja, o desejo de oportunidades de cultivo da terra em colônias agrícolas. O período de Guerra Civil Americana (1861-1865) impactou significativamente alguns sulistas que recorreram ao Brasil após a derrota na guerra. Assim a vida comunitária de diversos lugares foi se modificando no contato entre culturas, especialmente pela integração com a população local que se dava, também, pelo casamento.

O rearranjo cultural em novas terras trouxe elementos estadunidenses para as regiões em que se estabeleciam e nisso se incluem os aspectos religiosos. As missões contribuíram para a disseminação da fé reformada e para o desenvolvimento das questões educativas. Dentre tantos imigrantes que vieram, destacam-se neste artigo, os muitos missionários homens e mulheres, os quais se baseavam na teoria do “Destino Manifesto” – expressão utilizada pelo jornalista J. L O’Sullivan em um artigo publicado em 1845, cujo argumento consistia no fato de que o povo norte americano seria um “instrumento divino” para a propagação da ética protestante e deveriam influenciar a religião e a cultura de outros povos à medida em que era destinado a cumprir o propósito de ampliar seu território, promover a democracia e o progresso.

Nas narrativas que seguem, em forma de verbetes, será possível observar a ação da crença no Destino Manifesto e a importância de alguns imigrantes notadamente significativos para a história, como Ashbel Green Simonton (1833-1867) e George W. Chamberlain (1839-1902), os quais permanecem como uma marca indelével na história das cidades do Rio de Janeiro em 1859 e de São Paulo em 1870. Esses indivíduos, e tantos outros desempenharam papéis essenciais, os quais resultaram em mudanças sociais significativas, particularmente no âmbito religioso e educativo em solo brasileiro. Além dessas figuras, destacam-se outras no âmbito educacional como: Mary Ann Annesley Chamberlain, Mary Parker Dascomb, Phebe R. Thomas e Marcia P. Brown.

Parte-se do pressuposto de que a “memória de longa duração” (movimento historiográfico conhecido como a Escola dos *Annales*, refere-se à abordagem da história que se desenvolveu principalmente na França no século XX), implica considerar uma

visão mais ampla e integrada à história, buscando entender as interconexões complexas entre diferentes aspectos da sociedade ao longo do tempo. Dessa forma, surge a problematização que indaga: como tem sido ao longo do tempo a aquisição, consolidação e evocação da memória dessas personalidades? Interessa apontar para o legado, tanto no âmbito religioso quanto no educacional, deixado por tais agentes no cenário brasileiro, desde os idos de 1870.

A abordagem metodológica, fundamentada em fontes bibliográficas, baseia-se em obras como as de Garcez (1970), Motta (1970), Matos (2004), Braudel (1950), dentre outros. A intenção é contribuir para uma revisitação da história e para a evocação da memória ao destacar o legado deixado: a Escola Americana (1870), instituição que se tornou uma referência em educação no Brasil e que hoje é reconhecida como a Universidade Presbiteriana Mackenzie e a Escola Modelo Caetano de Campos (1880). Dois importantes patrimônios culturais para a cidade de São Paulo.

Imigração Norte Americana no imaginário cultural

O século XIX marcou uma época de transformações profundas nos Estados Unidos, com a expansão para o oeste. Este fenômeno, frequentemente associado à ideia de "Destino Manifesto", desempenhou um papel crucial na formação da identidade e do território norte-americano. A expressão "Destino Manifesto" encapsula a crença de que os Estados Unidos tinham uma missão divina de expandir seu território. Movidos por uma combinação de motivações econômicas, políticas e sociais, os colonos americanos buscavam novas oportunidades, terras férteis e riquezas minerais. Essa marcha resultou em rápida colonização de vastas áreas habitadas por povos indígenas.

Esse avanço para o oeste foi facilitado por inovações tecnológicas, como a construção de ferrovias, o telégrafo e a expansão das rotas comerciais. A conclusão da ferrovia transcontinental em 1869 simbolizou a união do leste e do oeste, acelerando o fluxo de pessoas e mercadorias e consolidando a presença dos Estados Unidos em vastas regiões do continente.

No entanto, essa expansão não ocorreu sem conflitos. O processo frequentemente resultou em violências com as populações indígenas, levando-os ao deslocamento forçado e à perda de terras em que habitavam. Esse aspecto sombrio da expansão para o oeste destaca a complexidade e desafios éticos associados a esse período da história norte-americana. Esse avanço ficou registrado na obra conhecida como "*American Progress*" (1872) de John Gast. Esse exemplo revela o forte valor simbólico da imagem e de sua

força comunicativa. Trata-se de casos raros em que o artista é menos comentado e, sim, seu legado.



Figura 1: *American Progress*. John Gast, 1873. Disponível em: <https://www.opcu.org.br/2022/05/17/simbolos-mitos-e-narrativas-mobilizados-na-formacao-e-consolidacao-da-potencia/> Acesso em: 05/12/2023

A pintura "*American Progress*" não está localizada em um único museu específico, pois faz parte das coleções de várias instituições. Todavia, sob os cuidados do *Autry Museum of the American West*, localizado em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos, a pintura faz parte de uma coleção significativa relacionada à história, cultura e arte do oeste americano.

Essa pintura, como manifestação da linguagem, revela a intencionalidade do artista que desvela sua percepção sobre seu contexto vivido no século XIX. Por isso, a imagem pode servir de documento de um imaginário social.

Michel de Certeau (2000) adverte que, ao examinar qualquer categoria de registros ou documentos, o historiador deve inicialmente reconhecer a sua natureza, compreendendo como foi elaborado e por quem. No caso da obra de John Gast percebe-se que o contexto da expansão territorial se tornou o tema da pintura. Em "*American Progress*" o artista retrata uma cena alegórica com uma figura feminina personificando o

"Progresso" que está no centro do quadro, mas evidencia que a semelhança dos peregrinos, está se deslocando para o Oeste.

A luz e sombra são contrastantes na cena. A linha do horizonte divide o quadro e na parte superior há montanhas e nuvens espessas. O céu é tomado pela luz que avança pela parte direita da obra deixando a metade esquerda entre sombras. Enquanto a luz aponta a direção para o Oeste, toda sombra ou escuridão é afastada enquanto o povo marcha, simbolizando mais do que o desenvolvimento e a expansão dos Estados Unidos em direção à fronteira oeste; a ideia do uso desta técnica significa comunicar que, ao cumprir o *Manifest Destiny*, a civilização cumpriria a missão divina de iluminar todo o continente dissipando a escuridão (ignorância).

No braço direito da protagonista aparecem dois objetos, o rolo de fios do telégrafo que está sendo instalado, evidenciando o papel significativo na comunicação e no desenvolvimento da infraestrutura à medida que o país se expandia conectando regiões distantes e facilitando a coordenação em larga escala. A inclusão do fio telegráfico na pintura destaca o papel da tecnologia e da comunicação no avanço da civilização e do progresso, conforme percebido pelos contemporâneos do século XIX. Outro objeto que a personagem leva é um livro que pode representar o avanço da educação e do conhecimento enfatizando a importância da cultura e do aprendizado na visão do artista.

O estilo da pintura de Gast pode ser associado ao Realismo Romântico, uma variação do movimento romântico que buscava representar temas históricos ou contemporâneos com uma ênfase no realismo, mas também incorporando elementos dramáticos e simbólicos. O naturalismo e o realismo eram movimentos artísticos e literários que surgiram no século XIX. O naturalismo enfatizava a representação fiel da natureza e dos aspectos mais brutos da vida, muitas vezes abordando temas sociais e científicos. O realismo, por sua vez, buscava representar a realidade de maneira objetiva, muitas vezes explorando a vida cotidiana e os aspectos sociais.

A ênfase que está sendo dada neste texto às questões relativas à arte, serve para destacar, ainda que parcialmente, a mentalidade da época, pois parte-se do pressuposto de que a escola dos *Annales* contribuiu para que a história pudesse ser compreendida com outras fontes, isso inclui a arte -, potencial para se pensar como a sociedade vive, pensa e se comporta.

No contexto brasileiro, a Academia Imperial de Belas Artes, fundada em 12 de agosto de 1826, no Rio de Janeiro, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento

das artes visuais no país. Aos poucos o estilo conservador, baseado na estética grega, foi aderindo ao estilo do paisagismo naturalista/realista.

A pintura histórica alcançou no século XIX importante lugar no projeto político do Segundo Reinado, devido ao trabalho realizado por Araújo Porto-Alegre, durante a Reforma Pedreira. Esse gênero artístico foi responsável pela formação de uma memória nacional e mantinha intenso diálogo com a produção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A pintura histórica foi essencial na construção de uma identidade nacional, porque por meio dela forjou-se um passado épico e monumental, em que toda a população pudesse se sentir representada nos eventos gloriosos da história nacional. O trabalho de Porto-Alegre como crítico de arte e diretor da Academia imperial (AIBA) possibilitou a pintura histórica com seus pintores oficiais, Pedro Americo e Victor Meirelles. (CASTRO, 2005, p. 335).

Porto-Alegre, considerado um dos primeiros críticos da arte brasileira, destaca que a concepção de uma nacionalidade brasileira se tornou possível devido à influência civilizatória dos colonizadores europeus, que foram responsáveis por introduzir o progresso e a iluminação nos trópicos. E dizia que somente quando o país se equiparasse às nações civilizadas, seria viável considerar a existência de uma expressão artística genuinamente brasileira (CASTRO, 2005).

A mentalidade deste intelectual brasileiro, mesmo referindo-se à arte, deixa conhecer sua crença de que o progresso e a iluminação para os trópicos deveriam ser equiparados aos modos europeus. Isso posto, cabe reforçar que embora possa haver sobreposição temporal em alguns casos, os motivos e contextos da imigração de missionários norte-americanos para o Brasil geralmente não refletem diretamente a ideia do *Manifest Destiny*, que era específica para a expansão territorial norte-americana, especialmente nas décadas de 1840 e 1850. A vinda de muitos missionários ocorreu em diferentes períodos e contextos ao longo do tempo. Alguns ocorreram durante o século XIX, mas outros aconteceram em momentos posteriores.

No entanto, durante o século XIX, houve um aumento significativo no movimento missionário global, com várias organizações religiosas, incluindo presbiterianos, buscando difundir sua fé e valores em diferentes partes do mundo. A ideia de uma missão divina pode ter influenciado o pensamento missionário. Os missionários podem ter visto sua missão no Brasil como parte de um dever mais amplo, de contribuir para o desenvolvimento social e educacional das comunidades para as quais foram enviados.

Todo esse pano de fundo evidencia uma mentalidade, uma cosmovisão e atrai para o Brasil alguns protagonistas que passamos a descrever.

Vidas que se cruzam

Ashbel Green Simonton (1833-1867): há 163 anos, no dia 12 de agosto de 1859, um jovem de vinte e seis anos desembarcava no Rio de Janeiro. Tratava-se de um missionário presbiteriano, que, após vivenciar um avivamento religioso em 1850 e ser inspirado por um sermão do Dr. Charles Hodge durante seus estudos no Seminário Teológico de Princeton, Nova Jersey, decidiu dedicar-se à obra missionária no exterior. Após ser ordenado pastor, ele foi enviado ao Brasil, onde desencadeou uma série de realizações extraordinárias em um período curto.

Em apenas oito anos, fundou uma escola dominical, uma igreja, um jornal, um seminário, um presbitério e até mesmo uma denominação. Além disso, deixou um legado literário notável, compilando sermões e poesias em português, posteriormente reunidos em um livro.

Após organizar a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro em colaboração com seu cunhado, o Reverendo Alexander Blackford, Simonton partiu para os Estados Unidos, onde se casou com Helen Murdoch em Baltimore. O retorno ao Brasil ocorreu em julho de 1863, mas sua esposa faleceu no ano seguinte, alguns dias após ter dado à luz a pequenina Helen. Coube a Chamberlain o papel de consolar o amigo em um momento tão difícil. Simonton podia contar com sua irmã, Elizabeth Blackford, e com seu cunhado, Alexander Blackford, que passou a pastorear na cidade de São Paulo. O casal o ajudou a cuidar da sua filha, recém-nascida.

Mesmo depois desse episódio tão trágico, Simonton continuou seu ministério pastoral e, em 1864, fundou "A Imprensa Evangélica", o primeiro jornal presbiteriano no país. Simonton continuou sua missão dedicada até falecer em 9 de dezembro de 1867, aos trinta e quatro anos, vítima de febre amarela, na cidade de São Paulo.

George W. Chamberlain (1839-1902): em maio de 1864, Chamberlain chegou ao Rio de Janeiro para auxiliar o Reverendo Simonton em resposta a um apelo deste. Após a morte da esposa de Simonton, Helen, em junho, Chamberlain colaborou em São Paulo e no interior, residindo na capital paulista de novembro de 1864 a agosto de 1865. Contribuiu significativamente na organização da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Em dezembro de 1867, foi eleito pastor da Igreja de São Paulo, juntamente com Emanuel N. Pires. Desempenhou um papel de destaque em São Paulo. Sua atuação foi multifacetada,

incluindo iniciativas educacionais, filantrópicas e sociais. Chamberlain foi um dos fundadores da Escola Americana de São Paulo, instituição que teve um impacto duradouro na educação da cidade. Além disso, seu compromisso com a melhoria das condições sociais o levou a se envolver em projetos que visavam não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o bem-estar da comunidade.

Mary Ann Annesley Chamberlain (?-1930): foi uma jovem, que cresceu nos Estados Unidos da América e teve sua formação acadêmica em Pedagogia. Tornou-se uma educadora disposta a propagar o ensino utilizando os métodos mais avançados que conheceria.

Contraiu matrimônio em 1868 com o Reverendo George Whitehill Chamberlain e um ano depois veio ao Brasil e passou a residir com seu marido, na cidade de São Paulo, pois este havia assumido o pastorado da Igreja de São Paulo, organizada quatro anos antes, onde permaneceria até 1887.

Na residência do casal Chamberlain situada na rua Visconde de Congonhas do Campo no. 1, no bairro de Campos Elísios, Mary Ann Annesley contemplou o doloroso espetáculo da intolerância religiosa nas escolas primárias. Verificou também que empregavam métodos pedagógicos obsoletos e até desumanos. Não se conformando com a brutal diferença entre o ensino de seu país de origem e aquele que acabava de conhecer pela experiência de suas alunas, resolveu pôr em prática o que aprendera nos Estados Unidos.

Começou a ensinar meninas que eram impedidas de frequentar a escola pública em razão da intolerância religiosa e, ali, na sala de jantar da família, começava o embrião do que se tornaria, futuramente, a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

No ano seguinte, a escola passou a ocupar as instalações da igreja e Mary P. Dascomb assumiu a direção, lecionando matemática. Além disso, outros mestres desempenharam papéis importantes na educação das meninas na escola: Mary Ann Chamberlain (música e francês), Harriet Greenman (inglês, caligrafia e conhecimentos gerais), Palmira Rodrigues (história), Adelaide Molina (geografia) e Júlio Ribeiro (português).

Em 1876, a escola transferiu-se para um novo local, onde passou a funcionar o internato para meninas e, dois anos depois, o jardim da infância. Essa iniciativa, liderada por Mary Ann Chamberlain e outras mulheres, evidencia não apenas a importância do protagonismo feminino na educação, mas também a superação de desafios sociais e religiosos da época.

Mary Parker Dascomb (1842-1917): o presbiterianismo nacional contou com a valiosa contribuição de diversas missionárias norte-americanas que dedicaram sua vida ao ensino e à evangelização no Brasil. A pioneira nesse esforço foi Mary Parker Dascomb, a primeira missionária educadora enviada ao país pela Junta de Missões Estrangeiras de *Nova York* da Igreja do Norte (PCUSA). Nascida em Providence, capital do Estado de *Rhode Island*, em 30/06/1842, Mary passou sua infância e juventude em *Oberlin*, Ohio, onde seu pai era professor no renomado colégio local. Formou-se no *Oberlin College* em 1860, lecionando por um ano em Joliet, Illinois, outro ano em *Elyria, Ohio*, além de períodos em Canton e alguns meses no *Vassar College*, em Nova York, onde recebeu o primeiro convite para se dedicar ao trabalho missionário no Brasil.

Em 1866, Mary desembarcou pela primeira vez no Brasil, assumindo o cargo de professora dos filhos do cônsul americano no Rio de Janeiro, o presbiteriano James Monroe, um ex-professor de *Oberlin* que se tornaria deputado federal. Durante essa estada, ela teve a oportunidade de conhecer o Reverendo Ashbel G. Simonton e o professor Horace M. Lane.

Seus encontros com o Reverendo Simonton foram decisivos, levando-a ao retorno ao Brasil em 1869 como missionária. Sua chegada provavelmente ocorreu no final daquele ano, pois um relatório datado de 18 de agosto mencionava a expectativa de sua chegada no ano seguinte, conforme relatado pelo Reverendo Alexandre L. Blackford.

Inicialmente, Mary trabalhou no Rio de Janeiro, lecionando na escola para meninos e meninas ligadas à Igreja do Rio. Mais tarde, por um período, esteve em Brotas, coincidindo com o nascimento do Reverendo Roberto Frederico Lenington em 1871, e durante esse tempo, foi professora do jovem Herculano de Gouvêia, que tinha então dez anos. No mesmo ano, assumiu a direção da recém-criada Escola Americana em São Paulo, simultaneamente colaborando com o Reverendo George W. Chamberlain como organista da igreja.

Em um relatório datado de 20 de julho, Chamberlain registra: "Desde março de 1871, duas classes estão sendo treinadas sob a supervisão da Sra. Mary P. Dascomb: uma composta por vinte e três meninos e meninas de origem inglesa e outra, de dez meninos e meninas brasileiras. Iniciada em 1870 pela esposa da missão Mary Annesley Chamberlain, a escola foi oficialmente inaugurada no ano seguinte na sede da igreja, na Rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), sob a direção de Mary P. Dascomb. a 20/08/1872, o *Correio Paulistano* elogiou os resultados dos exames dos alunos, destacando: "Mostraram todos maravilhosos desenvolvimentos, como não estamos nós

brasileiros habituados a presenciar nas nossas escolas rotineiras no tempo colonial. Encontra-se ali o ideal americano - escola mista regida por mulher”.

Além de dirigir a escola, Mary Dascomb também ensinou matemática. Sob sua orientação, seu discípulo, o futuro pastor Antônio Bandeira Trajano desenvolveu a famosa Aritmética Progressiva, que se tornou célebre nas escolas do Brasil.

Mary Dascomb mais tarde reassumiu a direção da escola fundada em Brotas pelo Reverendo Lenington, durante a estadia do Reverendo João Fernandes Dagama. Por volta de 1873, residiu em Rio Claro, colaborando com Dagama, que havia se transferido junto com a escola. Em 20/07/1873, foi arrolada como membro da igreja local, organizada apenas três meses antes, em 13 de abril. Quando a Escola Dominical foi criada em 7 de setembro, ela recebeu uma das aulas para ministrar ensino bíblico. Seu nome consta no "Livro de Atas da Escola Dominical" da igreja até 23/07/1876.

Além de auxiliar na igreja, Mary Dascomb lecionou no colégio fundado pelo Reverendo Dagama, contando com a colaboração, a partir de julho de 1874, de uma nova professora vinda dos Estados Unidos, Elmira (Ella) Kuhl. As duas missionárias desenvolveram uma amizade sólida e parceria ao longo de sua vida.

No segundo semestre de 1876, Mary Dascomb foi para os Estados Unidos devido à doença dos pais, interrompendo temporariamente sua missão. Passou quatro anos em sua terra natal, lecionando por três anos e meio no *Wellesly College*, em *Massachusetts*. Em 1878, obteve o título de mestre (MA) no *Oberlin College*.

Após a morte dos pais, Mary Dascomb retornou ao Brasil em 09/05/1880 para contribuir para a internato feminina da Escola Americana, trabalhando ao lado de Elmira Kuhl. Sua outra função significativa foi retomar o papel de organista na igreja de São Paulo, onde foi registrada no final de 1880.

De 1876 a 1883, a igreja Presbiteriana de São Paulo realizou suas reuniões na "Sala Grande" da Escola Americana, na Rua de São João. Nas "Reminiscências" publicadas em *O Estandarte*, o Dr. Antônio Gomes da Silva Rodrigues, que frequentava aquela igreja da época, menciona que o harmônio no qual a professora Dascomb tocava os hinos ficava à direita de quem entrava. A missionária continuou a tocar o pequeno harmônio no novo templo da Rua 24 de Maio, inaugurado em 01/06/1884, onde os hinos foram entoados em uníssono pela congregação.

Em agosto de 1885, ao assumir a direção da Escola Americana em São Paulo, o médico e educador Horace Manley Lane estabeleceu imediatamente a amizade e lealdade incondicional da missionária Mary Dascomb. As cartas encantadoras que ela escreveu

para Lane, preservadas pelo neto Fred Lane, foram publicadas nos Anais do Museu Paulista nos Tomos XV (1961) e XVI (1962). Mary foi uma aliada de Lane durante as batalhas travadas na missão, na Junta de Missões e na Igreja Presbiteriana do Brasil. Naquele ano de 1885, ao consolidar sua carreira em São Paulo, Mary estava envolvida no ensino de geografia, inglês e matemática na Escola Americana. Em seguida, respondeu a direção da escola fundada pelo Reverendo George A. Landes em Botucatu, contando com a assistência da missionária Arianna (Nannie) Hederson. A partir de 1885, ela desempenhou um papel significativo na escola e na igreja, colaborando estreitamente com o recém-ordenado pastor João Ribeiro de Carvalho Braga. Elmira Kuhl, Clara E. Hough e Alexandrina Braga, esposa do pastor, também se envolveram com a escola. Entre os alunos de Mary estava o futuro Reverendo Erasmo de Carvalho Braga, primogênito do pastor da igreja.

Em janeiro de 1891, Mary embarcou pela primeira vez para o Paraná, participando de uma reunião da Missão. Com seu estilo inconfundível, ela registrou uma narrativa pitoresca sobre a viagem, que foi publicada na revista *Missões Brasileiras* em maio daquele ano.

No ano seguinte, as professoras Dascomb e Kuhl foram respectivamente de Botucatu e São Paulo para Curitiba, numa missão distribuída a uma filial da Escola Americana, que elas dirigiram por vinte e cinco anos. As aulas tiveram início em 25/01/1892.

Em 1894, Mary registrou em seu diário as ansiedades com a Revolta da Armada e seus rumores chegaram ao Paraná. Curitiba era o local preferido para o aprendizado da língua e o ponto de encontro de obreiros do sul.

Mary não só trabalhou de maneira eficiente na escola, mas também prestou assistência importante à igreja, aos pastores e às missões que por ali passaram. O Reverendo Frederico Lenington, que sempre foi o “Fred” da infância para ela, expressou sua gratidão pelos anos como pastor daquela igreja, pois recebeu de Miss Dascomb críticas amáveis dos sermões e sugestões para o pastorado. Na Escola Americana, Mary ministrou aulas de aritmética, álgebra, história sagrada, história universal, inglês e português.

Em 1911, ao se referir aos diversos lugares onde exercia suas atividades, Mary encarregava-se de trabalhar como professora “no Belo Rio, na linda capital de São Paulo, na diminuta Vila de Brotas, na tranquila cidade do Rio Claro, na pequena cidade de

Botucatu, da poeira rocha, e agora por dez anos em Curitiba, uma capital energética paranaense”.

Faleceu de forma repentina em Curitiba na madrugada do dia 10/11/1917, horas após retorno de um culto e escrever uma longa carta ao Reverendo Roberto Frederico Lenington sobre a obra evangélica.

Aqueles que conviveram com ela a descreveram como dotada de um coração magnânimo e bondoso, de um temperamento alegre, expansivo e simpático e de um carinho especial pelos pobres e humildes. Faleceu oito dias antes de sua amiga e companheira Ella Kuhl, que estava nos Estados Unidos.

Poucos estrangeiros iriam influenciar tantas famílias brasileiras, principalmente no sul do país. Entre seus numerosos alunos, destacam-se os Reverendos Roberto Frederico Lenington, Herculano de Gouvêia, Erasmo Braga, Tancredo da Costa, Pierce Chamberlain e Felipe Landes.

Phebe R. Thomas (?-1890): foi originária de Wilkes-Barre, na Península da Pensilvânia. Desembarcou no Brasil em 1877, acompanhado pelo Reverendo John Beatty Howell e sua esposa Elizabeth Hibler Day, recém-casados. Financiou a própria viagem para lecionar na Escola Americana, onde criou o “*Kindergarten*” (Jardim da Infância), em 02/04/1878, e atuou como diretora ali, por vários anos. Aparentemente, esse foi o primeiro Jardim da Infância implantado no Brasil.

Phoebe também foi a primeira professora da aula de educação física na Escola Americana. Por questões de saúde, a educadora retornou aos Estados Unidos em 1880, deixando o Jardim de Infância sob a direção de Ellie Miller e Rosa Edith de Souza Ferreira até abril de 1881.

Em setembro de 1882, Phebe voltou ao Brasil com o Reverendo George W Chamberlain, o Reverendo João Fernandes Dagama e sua família, e a professora S. E. Lobby, também originária da Pensilvânia. A Imprensa Evangélica informou que, assim que essa professora adquirisse conhecimento suficiente da língua portuguesa, Phebe reabriria o Jardim da infância.

Phebe foi incluída na lista de membros da Igreja de São Paulo em 1º de outubro de 1882, por meio de carta de transferência da Igreja Presbiteriana de *Wilkes-Barre*. Trabalhou no Brasil até 1889, quando retornou à pátria devido a problemas de saúde, chegando lá em 5 de maio. Faleceu em 20/06/1890, em *Wilkes-Barre*.

Marcia Percy Browne (1845-?): havia sido diretora da Escola Normal de *Massachussets*, a mesma fundada em 1848 por Horace Mann (1796-1859), cujas ideias inspiraram e modificaram o sistema pedagógico americano.

A educadora Miss Browne chega no Brasil no ano de 1890 e iniciou as atividades didáticas na Escola Americana de São Paulo, criada em 1870, mas, em seguida, passou a integrar o corpo docente do Curso Superior de Filosofia e da Escola Normal do Mackenzie, na disciplina de Pedagogia.

Prudente de Moraes havia indicado Rangel Pestana, admirador dos educadores norte-americanos de Campinas e São Paulo, para idealizar uma reforma no Estado. Este, por sua vez, indicou o professor Caetano de Campos para dirigir a Escola Normal, por onde se iniciaria a pretendida reforma. As escolas anexas a essa instituição foram transformadas em Escolas-Modelo. Horace M. Lane, o dirigente do Colégio Protestante, teve participação direta nesse processo, aconselhando esses líderes e lhes indicando colaboradoras, notadamente as professoras Márcia Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, foram lembradas.

Com o advento da República, Miss Browne e quatro professoras treinadas por ela e pelo Dr. Lane passaram a servir o Estado de São Paulo na reforma do ensino segundo os métodos norte-americanos. Caetano de Campos a descobrira em 1886 no jardim da infância da escola americana. A partir de 1890, aos quarenta e cinco anos de idade, coube a ela orientar o ensino primário e normal do Estado em sua fase de organização.

Dotada de forte personalidade, energética, destemida e competente, organizou e dirigiu três escolas modelos na capital Paulista - a Escola Modelo Caetano de Campos anexa à Escola Normal, e as escolas-modelo do Carmo e da Luz.

Em 1893, pediu licença de seis meses para viajar para visitar os familiares na pátria, indicando para substituí-la seu ex-aluno da Escola normal, Oscar Tompson. Em março de 1896, retornou definitivamente para os Estados Unidos. Na época, era diretora da escola-modelo da Luz. No salão nobre dessa escola, em sessão solene, ela se despediu de seus alunos e companheiras de magistério. Diante de grande audiência, foi-lhe oferecida, em nome do professorado paulista, uma taça de ouro fino. Mais tarde, o governo deu à escola do Carmo o nome de Grupo modelo Miss Browne.

Caetano de Campos, escrevendo a Rangel Pestana, disse que havia tido dificuldades em encontrar um homem para dirigir a classe de meninos da Escola Modelo, mas que, por fim, havia achado, não um homem, mas uma “mulher-homem”. Ele assim descreveu a notável mestra: “Miss Brown, quarenta e cinco anos, solteira, sem parentes

nem aderentes, sem medo dos homens, falando ainda mal o português, ex-diretora de uma Escola Normal...., possuidora de 250 contos, ensinando crianças por prazer e vocação (assim como há vocação para freira) e, finalmente, trabalhando como dois homens, diz ela, quando o ensino necessita”.

Em 1901, seu discípulo Oscar Thompson assumiu a direção da Escola Normal de São Paulo, cargo que exerceu até 1920. Em 1904 acompanhado de Horace Lane, partiu da Exposição Universal de Saint Louis, para a qual os dois educadores auxiliados por Carlos Reis, escreveram o livro *Education in the State of São Paulo*.

Ao vermos a filosofia educacional de Browne, aprendemos sobre a filosofia da própria Miss Miss Brown, que estava fundamentada nos seguintes princípios: a educação deve ser universal; a educação deve ser gratuita; a educação deve ser administrada pelo Estado e não por organizações eclesiásticas; a educação depende de professores cuidadosamente treinados; a educação deve preparar tanto os homens quanto as mulheres².

Memória de longa duração

Nas breves considerações acima, foi possível destacar a contribuição de alguns imigrantes norte-americanos, feito na área da Educação em solo brasileiro. Recorreu-se as relações entre Ashbel Green Simonton (1833-1867) e George W. Chamberlain (1939-1902), além do trabalho das educadoras como Mary Ann Annesley Chamberlain, Mary Parker Dascomb, Phebe R. Thomas e Marcia P. Brown. Nesse curto espaço, é preciso ficar ciente de que o recorte omite outros protagonistas significativos, que poderão ser investigados em outras pesquisas. Optou-se aqui por trazer uma amostra que pudesse evidenciar o legado no campo religioso e educativo e o patrimônio cultural que se refere à Escola Americana (1870), Instituição que se tornou referência em ensino no Brasil e que hoje é conhecida como Universidade Presbiteriana Mackenzie.

No entanto, ao mencionar os agentes do passado, é possível problematizar como têm sido a aquisição, a consolidação e a evocação da memória de tais protagonistas ao longo do tempo. Por isso, passa-se a recorrer ao tempo de “longa duração” e o modo como

² A fonte de consulta para o relato das biografias de Ashbel Green Simonton (1833-1867), George W. Chamberlain (1939-1902), Mary Ann Annesley Chamberlain (?-1930), Mary Parker Dascomb (1842-1917), Phebe R. Thomas (?-1890), Marcia Percy Browne (1845-?) foi Matos (2004) que amplia as informações citadas aqui, de forma indireta.

a dialética da duração de Fernand Braudel (1902-1985), historiador francês que insere o conceito de “longa duração” na epistemologia da História do século XX, pode fornecer uma perspectiva para compreendermos os acontecimentos, as ações e as permanências do tempo presente. Não se pretende aprofundar-se nas explicações e nas definições técnicas que tal teórico se propôs. Todavia, interessa considerar que: “O tempo histórico de Fernand Braudel supõe uma dialética da duração em que estão incluídos os tempos sazonais, que parecem se repetir, ou tempos eventuais, que se afiguram únicos e conferem um grau de dinamismo à história”. Silveira (2010, p. 36) continua: “Seus pressupostos dizem respeito ao tempo social que constrói o caminhar dos homens, demarcando gerações, criando ritmos que regulam suas vidas, seus trabalhos e suas linguagens”.

Tradicionalmente, os historiadores costumavam abordar a história com base na dimensão dos fatos e das mudanças dinâmicas que caracterizavam os eventos, os quais eram então datados. Contudo, uma nova perspectiva de história foi introduzida e discutida teoricamente em torno da revista *Annales³ d'Histoire Économique et Sociale* (1929-1939), fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Nesse período, surgiu a necessidade de conceber uma história mais abrangente e as publicações que envolviam temáticas como "acontecimento", "evento", "longa duração", "mudança" e "permanência" ganharam destaque e foram impulsionadas por Braudel (1972; 1987; 1989). No pensamento da Escola dos Annales, a ênfase na necessidade de redescobrir o homem superava uma narrativa histórica pautada apenas na ordem dos fatos e marcada pelos eventos.

Os *Annales* e Braudel em particular constituirão o conceito de “longa duração”, que ao mesmo tempo se inspira e se diferencia do conceito de “estrutura social” das ciências sociais [...] A relação diferencial entre passado, presente e futuro enfraquece-se, isto é, a representação sucessiva do tempo histórico é enquadrada por uma representação simultânea. As “mudanças humanas” endurecem-se, desaceleram-se. Tornam-se compatíveis aos movimentos naturais e incorporam qualidades desses [...]. (REIS, 2000, p.18).

O que se deseja argumentar é que para os Annales, “[...] o homem não é apenas um sujeito consciente, livre, e potente criador da história; ele é [...] também, e em maior medida, resultado, objeto, moldado pela história” (REIS, 2000, p. 21). A longa duração

³ A revista *Annales* foi inaugurada em 1929, tendo Marc Bloch e Lucien Febvre como seus principais representantes na primeira geração. O movimento associado aos *Annales* ficou conhecido como Escola dos *Annales* e Fernand Braudel emergiu como uma figura proeminente na segunda geração nos anos 60. Por último, a terceira geração, também chamada de Nova História, viu historiadores notáveis como Le Goff e Duby, se destacarem. Com base na abordagem dos *Annales*, a História assume uma abordagem interdisciplinar, rompendo fronteiras e expandindo as possibilidades nos estudos das humanidades. Dessa forma, a História passa a se dedicar às questões sociais e aos diferentes períodos vívidos pelo homem.

refere-se às permanências que destacam os antigos modos de agir e de pensar dos seres humanos, relacionando-se com o que praticamente não muda, ou seja, "as estruturas".

Sobre esse aspecto, portanto, quando miramos para a história passada e o pensamento de Braudel, a vinda dos missionários pode ser vista como parte de uma longa duração, onde as influências culturais e educacionais deixam marcas profundas na sociedade ao longo do tempo. Os missionários norte-americanos trouxeram consigo não apenas suas crenças religiosas, mas também uma visão de educação que moldou as estruturas sociais e intelectuais brasileiras. O legado deixado pelo Mackenzie College, atual Universidade Presbiteriana Mackenzie, que se tornou uma instituição de renome, contribuiu significativamente para o desenvolvimento educacional no Brasil.

Ao longo do tempo, muito se escreveu sobre a história desta instituição sesquicentenária e se destaca aqui o Centro Histórico e Cultural Mackenzie – CHCM, espaço museológico que arquiva jornais, documentos, livros e tantos artefatos culturais que remetem à memória da instituição. São fotos, objetos, e tantas obras que destacam a fundação do Mackenzie, a representação do contexto político, social e econômico do Brasil desde 1870 e apresentam os relatos dos desafios relacionados à implantação do sistema educativo, ao reconhecimento de seus variados cursos, à legitimação nacional da instituição e sua conexão eclesiástica contínua com a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Fundada no final do século XIX, a Escola Modelo Caetano de Campos, por sua vez, foi influenciada pelos métodos pedagógicos progressistas dos Estados Unidos e trouxe inovações para o sistema educacional brasileiro. À época de sua fundação, a escola introduziu conceitos avançados de educação, como a valorização da formação integral do aluno, a ênfase na prática pedagógica efetiva e a promoção de ambientes educacionais inclusivos. Esses princípios foram diretamente inspirados nas ideias trazidas pelos missionários norte-americanos que buscavam não apenas disseminar suas crenças religiosas, mas também contribuir para o desenvolvimento educacional e social das comunidades que atendiam.

Ao longo dos anos, a Escola Modelo Caetano de Campos manteve seu compromisso com a inovação e a excelência educacional. Atualmente, conhecida como Instituto de Educação Caetano de Campos, a instituição preserva a herança dos missionários norte-americanos ao continuar a promover uma educação de qualidade e a busca constante por métodos pedagógicos eficazes. A escola evoluiu para atender às demandas da educação contemporânea, incorporando tecnologias modernas e abraçando abordagens pedagógicas atualizadas, mas mantendo o compromisso com os valores

fundamentais estabelecidos no passado. O legado dos missionários norte-americanos, através da Escola Modelo Caetano de Campos, é evidenciado não apenas pela sua longevidade, mas também pela sua capacidade de se adaptar e continuar a ser relevante na educação brasileira.

A noção de longa duração, introduzida por Braudel, sugere a observação das estruturas de longo prazo que moldam a história. Por isso, pode-se identificar pontos de conexão entre o conceito da longa duração e a trajetória do Mackenzie e da Escola Caetano de Campos. Assim, as permanências remetem à ideia de observar as estruturas institucionais em um período extenso, alinhando-se à noção de longa duração.

Por isso, sem esgotar o assunto, valorizou-se o papel dos fundadores e líderes, os quais contribuíram para a sociedade brasileira, alinhando o tempo da longa duração, ao considerar o impacto de ambas as instituições na atualidade.

Considerações finais

Nessas proposições modestas destacou-se o protagonismo feminino no que diz respeito à educação por meio da figura de Mary Ann Chamberlain e de outras mulheres que desempenharam papéis importantes na Escola Americana, fundada em 1870 na cidade de São Paulo.

A atuação das personagens citadas e de tantas outras figuras ao longo de diferentes períodos históricos que somaram para que a educação na cidade de São Paulo pudesse prosperar, pode ser associada às abordagens da longa duração proposta por Fernand Braudel, cuja visão pode reforçar as influências persistentes desses líderes na formação e desenvolvimento do Mackenzie, não apenas nos momentos imediatos de sua atuação, mas também na maneira como seus princípios e valores ajudaram a moldar a trajetória do Mackenzie ao longo do tempo.

Isso implica examinar não apenas os eventos pontuais, mas também as estruturas e fundamentações que foram determinantes e perpetuadas ao longo de gerações, compreendendo assim o papel desses líderes como elementos-chave na construção da identidade e da missão da instituição no cenário brasileiro.

Paralelamente ao avanço para o oeste nos Estados Unidos, o século XIX também testemunhou movimentos migratórios significativos da América do Norte para a América Latina. Essa imigração foi motivada por diversos fatores, incluindo a busca por oportunidades econômicas, a fuga de instabilidades políticas e sociais e o desejo de escapar das limitações impostas por questões raciais e étnicas nos Estados Unidos.

Países como o Brasil, Argentina e México receberam ondas de imigrantes norte-americanos que buscavam uma vida melhor em terras estrangeiras. Esses novos colonos contribuíram para a diversificação cultural e econômica desses países, deixando uma marca duradoura em sua sociedade.

Essa dinâmica global das migrações e as complexas interações entre diferentes regiões do continente americano moldaram não apenas o curso da história dos Estados Unidos, mas também deixaram uma influência duradoura na configuração geopolítica e cultural das Américas.

Ao associar o pensamento de Braudel à chegada dos missionários norte-americanos podemos perceber que as transformações culturais e educacionais não são eventos isolados, mas processos que se desdobram ao longo do tempo. A longa duração de Braudel permite-nos entender como as sementes plantadas pelos missionários no século XIX continuam a florescer e influenciar a sociedade brasileira até os dias atuais. Essa interconexão entre o pensamento de Braudel e o legado dos missionários destaca a importância de compreender a história não apenas como uma sucessão de eventos, mas como um tecido complexo de interações que moldam o curso do tempo.

Referências

CASTRO, Isis Pimentel. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.38, p.335-352. outubro de 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/55119/Downloads/18260-Texto%20do%20Artigo-57139-1-10-20110225.pdf> Acesso em 01/12/2023.

GARCEZ, Benedicto Novaes. *Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1969.

MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros*. Presbiterianos do Brasil (1859-1900). São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MOTTA, Jorge Cesar. *Mackenzie Centenário, 1870-1970*. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1970.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVEIRA, Isabel Orestes Silveira. *Tempo, Semiose e Cultura: uma visão sistêmica sobre os processos de criação no design gráfico brasileiro*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2010.